2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 28. QUINTA FEIRA, 20 DE MARÇO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

IV.

319 Já dissemos que na propria Inglaterra, nomeadamente nos condados ou provincias, fôra, a principio, recebida com tibieza e indifferença a idéa da Exposição de todas as industrias das diversas nações: muitos fabricantes até a consideravam prejudicial a seus interesses: não admira pois que n'outros paizes suscitasse apprehensões e desconfianças desanimadoras.

Pelo que respeita á França, eis o que entre outras coisas sobre a materia, dizia no fim do anno passado um escriptor economista, Mr. Ad. Blaize.

« Os operarios interessam muito em serem representados na exposição do anno proximo pelos mais habeis d'entre si. Este interesse foi admiravelmente comprehendido pelos nossos visinhos; e por isso em todas as cidades, em todos os districtos fabris, se fundaram caixas especiaes sob os auspicios e com o auxilio dos fabricantes, a fim de receberem semanalmente as economias dos operarios para engrossarem as quotas voluntarias dos patrões e particulares, com o destino de fornecerem aos homens que vivem do seu salario, e cuja existencia depende da prosperidade da sua industria, os meios de fazerem jornada a Londres na épocha da exposição, e de poderem ahi estudar, cada um no que lhe toca, os processos e o estado de adiantamento de seus emulos e rivaes. Além disso, ha companhias encarregadas, por empreitada, do transporte dos operarios, e de lhes dar habitação e sustento em Londres.

« Não sabemos que até ao presente se tenha tratado de coisa similhante em França; sem duvida será preciso, agora como sempre, que a administração publica e as camaras de commercio tomem a iniciativa e se encarreguem da escolha dos operarios viajantes, assim como do pagamento das despezas. Que abandono de nós mesmos e de nossos mais caros interesses!

« Segundo as ultimas informações colligidas em Londres, o numero de expositores inscriptos parece que monta a oito ou dez mil da Inglaterra e suas possessões, e a um numero quasi egual dos de todas as outras nações, entrando a França com 2.500.

« Estes numeros são consideraveis, mas receiamos que o relativo á França venha a ter na ultima occasião uma forte reducção. Muitos industriaes, e dos mais notaveis, deram os seus nomes para ficarem com o direito reservado á exposição, mas ainda hesitam, ainda não não estão bem decididos a entrar nella; muitos até já annunciam que se absterão de remetter os productos. Não podemos atinar com os motivos que possam dictar taes abstenções. Que receio póde haver?.. O de ficar eclipsado, de não ver confirmadas no concurso geral as distincções de primeira classe obtidas em nossas exposições exclusivamente francezas? Mas, ainda sem levar em conta a incerteza, não será a ausencia uma confissão publica de fraqueza, uma nodoa no brazão industrial? Por ventura os interesses dos que se abstiverem não padecerão muito em consequencia de consentirem que a sua industria vá ser representada pelos menos habeis, menos capazes?

(Continúa.)

Resumo das Communicações recebidas em Inglaterra, mostrando o interesse que os paizes estrangeiros tomam pela Exposição Universal.

FRANÇA.

(Lord Normanby a Lord Palmerston, 21 de Março de 1850.)

Formou-se em França uma Commissão para estar em correspondencia com a Commissão Real. As suas funcções consistem em centralisar todas as informações precisas para esclarecer as manufacturas francezas a respeito dos regulamentos da Exposição, em decidir de accordo com a Commissão Ingleza sobre as providencias necessarias para a recepção, transporte e collocação dos productos francezes, e finalmente em fazer um estudo sobre a Exposição, observando seus resultados, e dirigindo relatorios especiaes ao Ministro do Commercio, sobre cada um dos ramos de industria de que a Commissão é representante.

1.° Commissão dos negocios administrativos, e da correspondencia:

MM. Charles Dupin, da Academia das Sciencias, Presidente da Commissão geral — de Lesseps, Director dos Consulados e dos Negocios do Commercio no Ministerio dos negocios estrangeiros — de Lavenay, Secretario geral do Ministerio da Agricultura e do Commercio — Monny de Mornay, Chefe da repartição da Agricultura — Flury, Chefe da repartição do Commercio Externo — Chemin-Depontés, Chefe da Mesa de Despachos Commerciaes — Secretario da Commissão geral.

2.° Commissão das Artes Agricolas:

MM. Héricart de Thury, membro da Academia das Sciencias — Tourret, Vice-Presidente do Jury Central — Payen, da Academia das Sciencias — Armand Séguier, da Academia das Sciencias — de Kergolay, Membro da Sociedade Nacional e Central de Agricultura — Monny de Mornay.

3.° Commissão das Artes Mechanicas:

MM. Pouillet, da Academia das Sciencias — Armand Séguier, da Academia das Sciencias — Morin, da Academia das Sciencias — Combes, da Academia das Sciencias — Michel Chevalier, Engenheiro em chefe das Minas — Le Châtelier, Engenheiro das Minas.

4.° Commissão das Artes Chimicas e Metallurgicas:

MM. Balard, da Academia das Sciencias — Hericart de Thury — Payen — Michel Chevalier — Ebelmen, Director da Fabrica Nacional de Sevres — Le Chatelier.

5.° Commissão dos Tecidos:

MM. Mimerel, Presidente da Commissão dos Tecidos no Jury Central — Legentil, Presidente de Camara de Commercio de Paris — Barbet, Membro do Jury Central da Industria Nacional — Sallandrouze de Lamornaix, Membro do Jury Central — de Lavenay.

6.° Commissão das Bellas-Artes e Artes diversas:

MM. Fontaine, da Academia das Bellas-Artes — Léon de Laborde, da Academia das Bellas-Artes — Armand Séguier — Ebelmen — de Lavenay — Delambre.

Em uma segunda sessão que houve no dia 20 do corrente, foram eleitos Presidentes das diversas Commissões:

I — Commissão Administrativa, MM. Charles Dupin. — II — Id. das Artes Agricolas, Héricart de Thury. — III — Id. das Artes Mechanicas, Combes. — IV — Id. das Artes Chimicas e Metallurgicas, Héricart de Thury — V — Id dos Tecidos, Legentil — VI — Id. das Bellas-Artes e Artes diversas, Fontaine.

Todos os esclarecimentos destinados á Commissão, devem ser dirigidos ao Ministerio da Agricultura e do Commercio.

RUSSIA.

(*Lord Bloomfield a Lord Palmerston.*)

O Conde Nesselrode participou a Lord Bloomfield, que na conformidade da augusta vontade do imperador, e desejando cooperar para a realisação de uma empreza tendente a favorecer o desenvolvimento de todos os ramos de industria de todos os paizes, seriam por elle nomeada duas commissões em S. Petersburgo e Odessa, encarregadas de colligir os productos que devem representar a industria da Russia na Exposição. A Commissão central estabelecida em S. Petersburgo dará e receberá além disso todas as informações necessarias, e determinará a quantidade dos objectos que se devem expôr.

As communicações entre esta Commissão e a Commissão ingleza, serão por intervenção de M. Kamensky, agente do departamento financeiro imperial em Londres.

Todos os objectos destinados á Exposição serão mandados antes da interrupção da navegação, isto é, no outono do corrente anno.

SUECIA.

(*Sir T. Cartwright a Lord Palmerston*, 26 *de Março de* 1850.)

M. de Strogman, Presidente do Collegio do Commercio em Stockolmo, foi nomeado pelo rei para representar os interesses da Suecia na Exposição.

NORUEGA.

(*Sir T. Cartwright*, ut supra.)

O governo norueguez nomeou os seguintes commissarios para estarem em correspondencia com a Commissão Real.

M. Thaulow, Professor de Chimica — Garben, coronel de Engenheiros — Zarbell, Machinista — Vergeland, capitão de Artilheria — Schinner, Architecto — Vergman, Pintor de Ornato.

Os sobredictos são os Directores da Sociedade de Artes em Christiania.

DINAMARCA.

(*O Conde Reventlow a M. Wyatt*, 14 *de Abril de* 1850.)

Formou-se em Copenhague uma Commissão encarregada de tomar todas as providencias correspondentes ao fim da Exposição, no que diz respeito aos negociantes, e artistas dinamarquezes, e a legação em Londres transmittirá a esta Commissão todas as communicações, que receber da Commissão Real.

ALLEMANHA.

(*Lord Cowley a Lord Palmerston*, *n.°* 93 *de* 1850.)

A Commissão Central da Federação em Francfort dirigiu, em data de 28 de Fevereiro, uma circular aos differentes governos da Allemanha, chamando a sua attenção para a Exposição, e excitando até ao mais alto gráu um espirito de emulação entre os expositores. A Commissão considera do interesse da industria allemã a sua concorrencia a uma Exposição, em que todo o mundo commercial tomará parte, e pede por tanto de entrar em correspondencia com corporações que representem os varios estados allemães.

(*Commissarios Regios a Lord Cowley*, 22 *de Março de* 1850.)

Tendo a Commissão Central da Federação offerecido

por este modo seus serviços, foi sollicitada pelos Commissarios Regios para tomar sobre si o encargo de repartir, pelos varios estados da Allemanha, a totalidade do espaço concedido á confederação germanica, e expediram-se neste sentido communicações a cada um daquelles estados.

PRUSSIA.

(Lord Westmoreland a Lord Palmerston 21 de Março de 1850.)

O Barão Schleinitz participou ao nosso embaixador em Berlim, que o governo prussiano toma o mais vivo empenho na Exposição, e que para auxiliar o mais possivel esta tão vasta e util empreza, dará todos os passos tendentes a chamar a attenção das varias industrias da Prussia para a mencionada Exposição, convidando-as a fornecerem os seus contingentes por intermedio das auctoridades de provincia, camaras de commercio e demais corporações.

O governo prussiano tenciona egualmente estabelecer uma commissão especial em Berlim, para estar em correspondencia com a Commissão Real, e o Ministro e Consul Geral prussianos em Londres foram encarregados de fazer, quanto estiver ao seu alcance, a bem de uma empresa destinada a mostrar o immenso progresso das artes industriaes.

MECKLEMBURGO STRELITZ.

(Lord Westmoreland a Lord Palmerston 21 de Fevereiro de 1850.)

O Conde Bernstorff, informando a Lord Westmoreland que o governo deste estado estava auctorisado para tractar directamente com a Commissão Regia, accrescenta que o Grão-Duque o encarregára de exprimir os seus sentimentos de gratidão por terem sido convidados os seus subditos a tomarem parte na Exposição.

ANHALT DESSAU, ETC.

(Lord Westmoreland a Lord Palmerston 21 de Fevereiro de 1850.)

Os governos de Dessau e Coethe estão auctorisados pelo Duque para abrirem correspondencia com a commissão.

NASSAU.

(Lord Cowley a Lord Palmerston, 13 de Março de 1850.)

O Governo encarregou a camara de commercio de Nassau, por intermedio do seu presidente, o assessor Odernheimor, de Wiesbaden, de entrar em correspondencia com a Commissão Regia.

HANOVER.

(M. Bligh a Lord Palmerston, 27 de Fevereiro de 1850.)

O Conde Bennigsen participou que a Direcção do «*Gewerbe-Verein*,» e a Commissão de «*Hunts-Verein*» secundarão em tudo o que estiver ao seu alcance as vistas illustradas que dirigem a proposta Exposição.

M. Bligh diz que não obstante a probabilidade de que o Hanover prestará apenas um pequeno contingente, comtudo este projecto grandioso tem excitado muito interesse naquelle paiz.

SAXONIA.

(M. Forbes a Lord Palmerston 22 de Março de 1850.)

O Governo da Saxonia tendo recebido com summo interesse as communicações, que lhe foram dirigidas a respeito da Exposição, e confiando que as industrias da Saxonia acceitarão com agrado o convite que lhes foi feito, nomeou o Dr. Weinlig, vice-secretario do Ministerio do Interior, para entrar em correspondencia com a Commissão.

BAVIERA.

(M. Milbanke a Lord Palmerston 15 de Março de 1850.)

A Commissão central da Sociedade Polytechnica de Munich encarregou-se, com a sancção do Governo, de entrar em correspondencia com a Commissão Regia.

SUISSA.

(Sir E. Lyons a Lord Palmerston, 26 de Fevereiro de 1850.)

Sir Edmund Lyons participa que o governo suisso, e todas as pessoas com quem tem tido occasião de falar a respeito da Exposição, se mostram empenhados em promover o bom resultado desta empreza, entrando nella com um louvavel sentimento de emulação.

HOLLANDA.

(Sir E. Disbrowe a Lord Eddisbury, 22 de Março de 1850.)

O Governo hollandez nomeou a seguinte Commissão para representar os interesses da Hollanda: — MM. Jonkhur, D. R. Gevers Deynoot, Director da Sociedade Promotora da Industria em Harlem — Dr. G. Simons, Director da Academia Real em Delft — D. D. Buchler, vice-presidente da Academia Real das Bellas Artes em Amsterdam.

BELGICA.

Os seguintes são os membros da Commissão nomeada pelo Governo belga para cooperar com a Commissão Real: — Presidente, M. de Brouckere, Burgomestre de Bruxellas, e Presidente do Jury da Exposição de 1847 — Membros: MM. Bellefroid, Chefe da repartição de Agricultura no Ministerio do Interior — Benoit Taber, delegado da camara de commercio de Namur — Capitaine, delegado da camara de commercio de Liege — Elaes de Lembecq — Kindt, inspector dos negocios de industria no Ministerio do Interior — Kums, delegado da camara de commercio de Antuerpia — Manilius, delegado da camara de commercio de Gand

— Overman, delegado da camara de commercio de Tournay — Partoes, chefe da repartição de commercio no Ministerio dos Negocios Estrangeiros — Quoilin, secretario geral na repartição de fasenda — Romberg, chefe da repartição de industria no Ministerio do Interior — Simonis, Presidente da camara de commercio de Verviers — Spitaels, delegado da camara de commercio de Charleroy — Van-Hooff, delegado da camara de commercio de S. Nicoláu — Vercruyze Bruneel, delegado da camara de commercio de Courtray — M. Verreyt, delegado da camara de commercio de Bruxellas.

(M. Rogier ás varias Camaras de Commercio, 8 de Abril de 1850.)

O Governo belga dirigiu uma importante circular ás camaras de commercio da Belgica, sollicitando a sua cooperação para o objecto da Exposição. Depois de fallar do interesse que esta empreza tem excitado na Belgica, diz que aquelle paiz não deve hesitar em acceitar o convite que lhe foi feito, visto que a confrontação dos productos nacionaes com os estrangeiros não póde deixar de ser util, por quanto mostrará os pontos em que a sua industria está atrazada, em relação á das outras nações. A Commissão que foi nomeada representa todos os interesses fabrís e agricolas da Belgica, e fornecerá ás camaras de commercio todos os esclarecimentos de que estas precisarem.

Submetterá egualmente ao Governo as propostas que julgar convenientes, a fim de que todas as classes de productores tirem a maior vantagem possivel da Exposição.

O Governo resolveu mandar um certo numero de artistas á custa do estado, visitar a Exposição, para alli acabar de estudar as suas diversas profissões, e a fim de que neste acto de emulação, e de progresso, as pequenas officinas possam associar-se com as grandes fabricas.

HISPANHA.

(M. Brackenbury a Lord Palmerston, 22 de Março de 1850.)

O Governo hispanhol dirigiu uma circular aos governadores das varias provincias, dizendo ser do agrado da rainha que elles dêem a maior publicidade aos documentos emanados da Commissão Regia, pelo contheudo dos quaes se conhece o objecto deste magnifico concurso, a influencia que deverá exercer sobre a industria geral do mundo, e o nobre intuito de seus promotores. Cooperar para esta empreza é avaliar devidamente as verdadeiras tendencias do seculo, contribuir para o melhoramento e augmento das artes fabrís e mechanicas, alargar os limites do commercio que as alimenta, e unir mais estreitamente os laços e as boas relações entre todos os povos, por meio de um interesse commum, o progresso e bem estar da humanidade.

A rainha, reconhecendo pois a importancia da mencionada Exposição, dignou-se ordenar que os respectivos governadores excitem o zelo dos chefes dos differentes estabelecimentos de industria, a cooperarem com a commissão regia.

O Ministro do commercio dirigiu depois outra circular importante aos governadores das provincias, na qual depois de mostrar que a projectada Exposição tende a converter o mundo em uma só nação, a generalisar inventos uteis, e a induzir todos os homens a olharem-se como irmãos, accrescenta que esta empresa não póde ser indifferente ou estranha a uma nação, que já se achou collocada á frente da civilisação europea. Longe de diminuir o seu credito ou prejudicar os seus interesses, servirá de os augmentar e consolidar, pois que a força productiva da industria hispanhola não deve ser julgada pelo que é hoje, mas pelo que poderia ser.

Depois de enumerar as varias fabricas que a Hispanha, apesar das convulsões politicas que a tem continuamente agitado, tem levado a um subido gráo do adiantamento e perfeição, a circular mostra, que a projectada Exposição offerece á nação hispanhola occasião de ser melhor conhecida e apreciada, e deve aproveital-a a bem do seu interesse e da sua propria dignidade.

Entre outros foram adoptados os seguintes regulamentos, por ordem da rainha:

Os governadores das provincias procurarão, por todos os meios, promover as vistas da Commissão Regia.

O Governo propõe-se, até onde lhes fôr possivel, a transportar os objectos de Hispanha para Londres, em navios fretados á sua propria custa.

Não se pagarão direitos pela exportação ou reimportação de taes objectos, que deverão vir acompanhados de um certificado, mostrando a sua origem, o preço na fabrica e o nome do fabricante.

O Governo nomeará uma Commissão especial para tomar conta dos objectos á sua chegada a Londres.

Os expositores daquelles productos hispanhoes que receberem um premio na Exposição, obterão egualmente do Governo hispanhol uma medalha de honra, ou uma condecoração pessoal, ou mesmo ambas estas distincções.

Os nomes daquelles Expositores que se distinguirem serão honrosamente mencionados na *Gazeta*.

Tomar-se-hão as necessarias providencias para apresentar na Exposição productos das possessões coloniaes hispanholas.

SARDENHA.

(M. Abercromby a Lord Palmerston, 16 de Abril de 1850.)

Foi nomeada pelo rei uma Commissão, encarregada de promover os objectos da Exposição, e o ministro inglez em Turim será incluido entre os seus membros.

ESTADOS-UNIDOS.

(O Ministro americano ao coronel Reid, 3 d'Abril de 1850.)

O instituto americano em Nova York está dando as providencias para promover os objectos da Exposição: aquella corporação é considerada pelo Ministro britannico em Nova York e pelo governador daquelle Estado, como verdadeiro representante dos interesses do

povo americano. O governador propoz á legislatura, que todos os objectos destinados á Exposição passassem, pelos canaes e caminhos de ferro, livres de quaesquer direitos.

M. John Jay Smith, cavalheiro de distincção, habitante em Philadelphia, propoz, com a sancção do Governo americano, que sejam transportados para os Estados-Unidos, para alli serem expostos, os objectos que depois de terminada a Exposição em Londres, poderem ser levados para aquelle paiz. O sobredito cavalheiro presume que os Commissarios regios considerarão este projecto como um additamento ao seu programma, visto que o fabricante teria por este modo uma dupla vantagem em mostrar os seus productos em dois mercados diversos, e sendo o da America muito importante, acharão alli prompta venda os objectos mais dispendiosos.

Além das communicações acima mencionadas, que representam officialmente o espirito que reina nos varios paizes a respeito da projectada Exposição, tem-se recebido cartas particulares, confirmando plenamente as noticias do grande interesse que esta empreza grandiosa tem excitado por toda a parte. Uma carta de Lião diz que attrahe até mais attenção do que as mesmas exposições francezas.

Os documentos relativos a Portugal estão publicados na REVISTA n.º 14 do presente volume.

A CHARRUA PORTUGUEZA.

Sr. Redactor.

320 São tão raras as vezes como V. diz muito bem, que pessoas competentes escrevem praticamente sobre a nossa agricultura, que muito me magoou vêr o artigo sobre a charrua portugueza, publicado no n.º 23 do seu muito acreditado Jornal, de Fevereiro proximo passado.

Sinto, Sr. Redactor, que debaixo do titulo de pratico V. appresentasse, como excellente, um artigo tal, como o do Sr. Vidal; e é tanto mais para lamentar que V. lhe dê tantas honras quanto é nesse sentido de pratico que elle póde ser prejudicial.

O Sr. Vidal tem de certo algum motivo particular que não explica no seu artigo, para especificadamente fallar na charrua Grangé, quanto tracta de elogiar a charrua portugueza, motivo que não adivinho, e que pouco ou nada me importa saber.

Diz aquelle Senhor que a nossa charrua, tem todas as vantagens da charrua a mais perfeita!!

Agora que muitos proprietarios agricultores, e pessoas que o não são, querem estudar a maneira de remediar a nossa abandonada agricultura, percebendo mui claramente que a introducção de instrumentos e maquinas aperfeiçoadas é um dos melhoramentos mais necessarios: agora mesmo que muita gente, dotada da maior boa fé, está esperançada no resultado das associações agricolas, sendo uma das maiores esperanças o poder obter modelos de instrumentos e maquinas, e concorrer para que as officinas produzam barato, por isso que a carestia é dos grandes obstaculos á sua propagação: agora que os menos crentes ha uma duzia de annos, se vão chegando á razão, querendo acreditar nas informações de pessoas que á custa de muitos sacrificios tem podido innovar com bom resultado, introduzindo entre outras coisas, a araveça Dombasle, que é o mais generalisado dos modelos que vieram do estrangeiro para Lisboa, agora nestas circumstancias, proclamarem-se coisas taes como as que apresenta o Sr. Vidal no seu artigo, é realmente triste, mas não para admirar.

Mas, Sr. Redactor, o que se póde esperar de taes artigos? que resultado?

Que as pessoas pouco ou nada intendidas na materia, mas que manifestam desejos fortissimos de entrar nas innovações lendo tantos desparates e banalidades, digam que são tudo mentiras os bons effeitos das Dombasles, Grangés e outras coisas similhantes. E o que hão de dizer os ignorantes, incredulos por condição, que ainda tem estampada na mente a má impressão que resultou das lições severas, que levaram meia duzia de pessoas que quizeram innovar, introduzindo no paiz quanta caranguejola viram nos armazens de Paris e Londres, sem conhecerem previamente as nossas coisas e a sua competente applicação? — o que hão de dizer, Sr. Redactor?

Hão de apontar para o artigo do Sr. Vidal, recommendado por V. como optimo, e rir mais uma vez á custa dos infelizes, que desbarataram a sua fasenda com tão pouco criterio.

Similhantes coisas pódem realmente fazer com que muito capital, já em meio caminho para os nossos campos, recue espavorido com medo de novos disparates.

Realmente dizer-se que a nossa charrua é superior a todas as charruas dos paizes mais cultos!!! isto publicar-se em Lisboa! em 1851!... em um artigo pratico sobre agricultura, é coisa que não tem nome!

Diria bem o Sr. Vidal, se em logar destas heresias em agricultura enunciasse verdades taes como as que se seguem:

1.º Que é de muita difficuldade para a maior parte dos nossos lavradores, obterem instrumentos das fabricas de Lisboa e Porto, por isso que ellas produzem caro, no que tem razão até certo ponto, pela falta de consumo; e pelas difficuldades que resultam da falta de communicações.

2.º Que o maior numero dos nossos lavradores os casaleiros, os da bota grossa, os verdadeiros agricultores por ora na nossa terra, estes coitadinhos, tem geralmente senhorios alheios á agricultura e muito longe de perceberem os seus interesses mutuos como se intendem noutras partes, como o intende, por exemplo, o proprietario inglez.

3.º Que esses mesmos casaleiros estão as mais das vezes sem real, e que os proprios boisinhos com que lavram — as meninas dos seus olhos — são muitas vezes alugados ao agiota d'aldêa. Que tambem cá temos dessa peste — louvado seja Deus!

Que nestas circumstancias preferem as suas aravéças e arados ás melhores Dombasles e Grangés, por isso que lhes é inteiramente impossivel obter objectos que elles consideram como um luxo, para a sua posição, ainda que lhes reconheçam vantagens: isto é quando as vêem, porque do contrario quando lhes fallam em coisas similhantes, sem lh'as mostrarem, mofam e não acreditam no que ellas tem de bom.

Apontarei um exemplo.

Quando eu introduzi a aravéça Dombasle na minha lavoira, era curioso ver o que se passava entre os meus visinhos. Fallavam com grande enthusiasmo a favor da araveça, os que já a tinham visto trabalhar, os outros, que ainda a não conheciam, de nenhum modo os queriam acreditar, de sorte que se levantaram entre elles grandes contestações. Tal é a negação para acreditar nas coisas novas, que até se duvida do que viram os proprios amigos e compadres.

No entanto a curiosidade trouxe casaleiros, trabalhadores, carpinteiros e serralheiros, em fim quasi toda a visinhança, a rodear a aravéça Dombasle nos primeiros dias em que ella lavrou nas minhas terras: quasi que podia dispensar abegão, porque todos queriam lavrar com ella.

Assenta, Sr Redactor, que esta gente toda não apreciava o trabalho que a aravéça produzia? Pelo contrario, exaggeravam a sua bondade. Mas depois deste enthusiasmo, o que aconteceu? Vieram as indagações, o quanto custa, como se arma, como se desarma, quem a ha de concertar quando se quebrar, e os carretos ás costas dos burros e machos, e os dias perdidos para ir lidar com fabricantes que se não conhecem, e em quem a nenhum respeito se tem confiança.

Estas reflexões fizeram esmorecer mais de um animo atrevido, mesmo entre os mais ricos, que por via de regra não são os mais entendidos, e que apesar do seu dinheiro, perderam o animo ao saber as difficuldades que eu tive para pôr a aravéça a caminho.

Podia sobre objectos deste genero, apresentar muitos exemplos, mesmo em minha casa.

Se o Sr. Vidal concluisse de factos desta ordem, que nos fossemos contentando com as nossos coisas, em quanto o paiz não tem meios convenientes para generalisar as boas praticas, que se seguem mesmo em algumas dessas localidades, como a introducção e aperfeiçoamento de instrumentos, etc., isso, sim senhor. Mas dizer que a nossa charrua é superior a quantas ha nos paizes mais cultos, é querer ignorar o que vae pelo mundo, e, como já disse, fazer grande mal pela desconfiança que atêa no animo das pessoas que ignoram inteiramente a sciencia agricola, e começam a acreditar nos que tem estudado alguma coisa da materia.

Agora farei uma breve analyse dos cinco periodos do artigo do Sr. Vidal, servindo-me de alguns termos do officio: ainda que isso atrapalha a vista do publico, e talvez tambem contribuisse no artigo do Sr. Vidal, para que V. não o julgasse como eu supponho que elle deva ser apreciado.

Para provar que a nossa charrua tem todas as vantagens das mais perfeitas, diz o Sr. Vidal:

1.° Que ella é a mais barata de todas.

Este argumento, para delle se concluir que é a que faz melhor serviço, é um pouco celebre. Se houverem duas charruas e uma fizer obra como tres e a outra como um; se a primeira custar 2 e a segunda custar 1; está claro que esta é relativamente ao seu serviço mais cara do que a outra, ainda que o seu preço seja de metade.

O pequeno custo dos instrumentos é coisa de grande vantagem, mas é só quando elles correspondem ao serviço que devem prestar.

2.° Que a facilidade de construcção é indubitavel. Não ha duvida que é facil achar quem construa um instrumento muito tosco e conhecido, mas o que prova isso a respeito da sua bondade relativamente a outros mais bem feitos?

3.° A facilidade de manobra é de primeira intuição, diz o Sr. Vidal.

Desejaria eu saber aonde o Sr. Vidal estudou a historia dos aperfeiçoamentos das araveças, para concluir a proposição que avança aqui — proposição que importa o mesmo que dizer, que os homens não tem no decurso de muitos seculos dado um passo no aperfeiçoamento do principal instrumento agricola.

As araveças de aivecas chatas, ou quasi chatas, compostas de um bocado de taboa forrado de ferro, ou não forrado, que isso não vem para o caso, foram as primeiras sobre que principiaram estudos verdadeiramente serios. Jeferson, e outros trabalharam por descobrir as leis da resistencia que offereciam as taes araveças, e depois de muito calculo, muita geometria, muita dynamica, e muita experiencia, conseguiram formalisar a curvatura das aivecas. A estes trabalhos seguiram-se os de Matheus de Dombasle, Thaer, e outros talentos principalmente dos engenhosos inglezes, que arranjaram com que a aiveca velha e teiró (*a*) ajustassem de maneira, que tudo formasse uma superficie unida; porque assim o trabalho era muito mais perfeito. No entanto, como este systema apresentava o grande inconveniente da aiveca ser fixa na araveça, proposeram-se premios, e premios avultadissimos para excitar alguem a estudar o modo de o remediar. Aconteceu, porém, que os maiores machinistas e agricultores, dos paizes mais cultos do mundo, não poderam conseguir que as araveças de aiveca movel fizessem trabalho correspondente ás outras.

Depois disto vieram as araveças dobradas, que appareceram primeiro em França e na Escocia, e depois se aperfeiçoaram.

Um dos nossos lavradores mais distinctos pelo seu saber theorico e pratico, o Sr. Le-Cocq, fez-lhe um grande melhoramento pela simplicidade que lhe deu, e collige-se de um artigo da *Illustração Franceza*, se bem me lembro de 1845 ou 46, que elle foi muito provavelmente o primeiro que o propoz.

Apesar de tudo, ainda hoje a araveça simples de aiveca fixa é a mais seguida nos paizes, aonde a agricultura está mais adiantada, o que até certo ponto prova a sua bondade, bem pesadas todas as circumstancias.

A respeito da facilidade da manobra, a araveça de aiveca fixa tem de certo a preferencia: 1.° não tem que mudar a aiveca: 2.° não tem que mecher a cega: 3.° não tem de ser arrancada no fim do rego, como acontece ás araveças, que marcam. Giram sempre de roda, sobre tudo em terrenos de uma certa grandeza. É regularisal-a no principio da lavoira que ella lá

(*a*) Chamo teiró ao que os francezes chamam Gendarme — A araveça Rozé moderna que tambem temos e a Moll com que já lavramos, — e que ambos mandámos vir de França por ordem do Sr. Eugenio de Almeida, quando lhe dirigiamos a sua lavoira; — tem a teiró ou corvo e a aiveca tudo fundido n'uma peça só, o que apresenta algumas vantagens. As relhas tambem são fundidas.

vae; é com esta que de certo, uma criança de 12 annos póde lavrar.

Eu, Sr. Redactor, não escrevo isto no Chiado, nem lavro no Rocio — ainda hontem lavrei com a araveça Rozé; e tambem conheço os rabellos, as araveças e os arados da terra.

O jogo dianteiro unido a qualquer destas araveças, para se lhe chamar Charrua, não muda nada ao caso.

Desafio, não só o Sr. Vidal, mas todo e qualquer lavrador, para que me abra um rego, que me volte uma leiva, que me corte raizes fortes, como a unhagata e a ralha-boi e outras, com a araveça da aiveca movel, como o faz a de aiveca fixa; seja Dombasle, Grangé, etc., — com a mesma força de tracção, e com a mesma força empregada pelo lavrador que pega nos rabellos.

Sim, senhor, desafio-o e escolha-se o campo da batalha.

Diz o Sr. Vidal no periodo 4.º que a leveza da nossa Charrua é muito attendivel. — Sabe esse senhor que ha differentes numeros dos modelos das araveças aperfeiçoadas, para differentes forças de tracção, segundo a lavoira que se quer fazer?

Sabe tambem que lá nos paizes cultos se arranjaram machinas, para experimentar a resistencia das differentes araveças, em differentes circumstancias de peso, etc.?

Sabe que o augmento de peso n'uma dada araveça pouco ou nada influe na força de tracção, excepto quando este augmento chega a ser egual ao seu proprio peso e d'alli em diante?

Sabe que naquillo em que influe seriamente a differença de peso, é na estabilidade do instrumento?

Conhece os excellentes trabalhos de Matheus de Dombasle a este respeito?

De certo que não conhece nada disto, e bem o mostra no seu artigo.

No periodo 5.º diz o Sr. Vidal, que a nossa charrua serve para executar todos os trabalhos, que executaria a charrua a mais perfeita, e tendo sobre ella ainda vantagens!!

Parece-me que deixamos dicto demasiado, para provar o contrario, e póde o Sr. Vidal ter a certeza de que ainda ficamos com uma grande reserva de boas razões.

O Sr. Vidal tambem nos dá a noticia de que a charrua se abre e fecha pelas *cunhas* (pescazes): note-se porém que é o regulador mais imperfeito deste mundo!

Talvez não saiba que ha muitos annos já que se usam teirós de ferro, com cavilhas para servir de regular a entrada dos *dentes* (rabiça), isto em casa d'alguns lavradores que tem aperfeiçoado os nossos arados e araveças. Este aperfeiçoamento não se conhece lá em Coimbra, segundo se percebe pelos *cunhos do Sr. Vidal.* — Em Coimbra! que encerra dentro dos seus muros uma universidade, com aula de agricultura! É para lastimar que dalli se mandem proclamar tão alto idéas como as do Sr. Vidal.

Terminando esta longa e talvez fastidiosa carta, direi, que se não pense que, por eu deffender as araveças d'aiveca fixa, dispenso inteiramente os nossos arados e araveças. Não Sr., não os dispenso; e tanto os julgo necessarios que, ainda os conservo como já disse, e a razão é porque para os banir de todo era necessario a introducção de muitos e variados instrumentos, como semeadores, extirpadores etc. etc. — que para mim são objectos de luxo na minha posição. Além disso o arado, para derregar como nós o usamos, é muito proveitoso, e com alguns aperfeiçoamentos, de certo que o não deveremos abandonar, antes de chegarmos ás circumstancias de adoptar o luxo da agricultura

Desejo, Sr. Redactor, que V. faça publicar esta minha carta no seu muito acreditado jornal.

Cazal da Barreira, no Concelho de Torres Vedras 19 de Março de 1851. De V. etc.

EMILIO DE ROURE AUFFDIENER.

DA DEPRECIAÇÃO DO OIRO (*).

321 Ha tempo que se manifesta no mundo um phenomeno assás notavel, mas que não é sem exemplo: vem a ser a alteração sensivel nas relações de valor que precedentemente existiam entre os dois metaes empregados na qualidade de moeda, o oiro e a prata. Parece que o oiro tende a depreciar-se de dia para dia. Durante os ultimos mezes do anno findo já tem perdido bastante do seu valor relativo, e este movimento de depreciação não pára. D'ahi procede uma certa perturbação, que inquieta com justo motivo; perturbação de que todos os povos devem naturalmente resentir-se, mas que se manifesta com caracteres differentes, e mais ou menos gravemente nas diversas nações, segundo está mais ou menos em desharmonia com os principios o systema monetario que seguem.

Em Inglaterra onde o oiro só é usado como moeda legal, a perturbação se manifesta por um cambio mui desfavoravel com o estrangeiro, em meio mesmo de circumstancias as mais proprias, a outros respeitos, para assegurar um cambio vantajoso. Em França, onde os dois metaes tem igualmente curso legal, segundo uma relação fixa precedentemente estabelecida, manifesta-se pela emigração da prata e pela affluencia do oiro, que, muito caro até então, volta com abundancia a tomar o logar do outro metal na circulação.

Dizemos que este phenomeno não é sem exemplo; nem elle tem coisa que deva assombrar ou desorientar a sciencia. — Com effeito, não tem rasão o *Jaurnal des Debats*, affirmando em seu n.º de 16 de dezembro passado que a circumstancia actual é sem precedente. Sem ser necessario sahir da nossa historia, achar-se-hiam precedentes em grande numero, e sem ír busca-los mais além dos ultimos cincoenta annos. Em todo o tempo, apezar da lei franceza que pertendeu estabelecer uma relação constante entre os dois metaes, os valores relativos do oiro e da prata estiveram sujeitos a variações continuas. É verdade que estas variações geralmente não passavam de ligeiras oscillações, nem eram de tal natureza que influissem sensivelmente no movimento dos metaes. Mas, no principio do seculo actual, appresentou-se outra muito mais forte, e que tinha acarretado precisamente as mesmas consequencias da que vamos presenciando.

(*) Artigo em que M. Ch. Coquelin trata tambem do systema monetario francez.

Tambem não é verdade, como affirma outro jornal, o *Siecle*, que este phenomeno achou desprecatada a sciencia economica. Ha muito tempo que a economia politica, se não predisse exactamente o que está succedendo, pelo menos previu similhantes complicações, como inevitavel consequencia de abandonarem suas licções.

Sem nos determos, porém, com todos esses ditos, que no entanto tem o inconveniente de inquietar os animos, examinemos as coisas como ellas são. Procuremos primeiro indicar as causas da perturbação que se gera, determinar o seu caracter e alcance; e depois veremos quaes são as medidas de utilidade geral que as circumstancias actuaes parece deverem prescrever aos publicos poderes.

Presume-se concorrerem muitas causas nestes ultimos tempos para a depreciação do oiro: umas, augmentando de um modo effectivo a quantidade offerecida, outras, diminuindo em certa proporção a somma das precisões.

De uma parte affirma-se, por exemplo, que a mineração do oiro na Russia, que nunca excedêra nos annos anteriores a mais de 40 milhões por anno, se elevára a 150 milhões em 1849, e suppõem-se destinada a augmentar no futuro. Ao mesmo tempo avalia-se em 300 milhões a quantidade de oiro expedida da California n'um anno. Seriam, pois, ao todo 450 milhões lançados de repente na circulação do mundo, sem que possa esperar-se, por ora, quando parará tão enorme producção. Digamos de passagem que não affiançamos estas quantidades. Nada ha tão vago até agora como a verificação da quantidade de oiro realmente extrahida, sobretudo da California. É comtudo inquestionavel que ha dois annos a producção deste metal excedeu a medida ordinaria: e que era difficil que um facto de tal ordem não exercesse alguma influencia no preço.

Por outra parte, ao passo que a producção augmentou, as precisões diminuiram, pelo menos de modo que dois paizes, a Hollanda e a Belgica, onde o oiro achava precedentemente grande sahida, renunciaram de um modo mais ou menos absoluto a emprega-lo de futuro como moeda legal, e mesmo effectuaram a reversão de parte do que possuiam para os mercados estrangeiros.

Disse-se, e ainda todos os dias se repete, a proposito da Hollanda, que este paiz foi o primeiro que se resentiu da perturbação produzida pela invasão do oiro californiano, e que em presença deste facto se appressou a tomar as suas medidas para prevenir as consequencias pela parte que lhe toca. É outro erro que importa rectificar. A decisão tomada pela Hollanda é de ha tres annos; foi adoptada em 1847, epocha em que mal se fallava na California, e a producção da Russia ainda não tinha excedido a medida ordinaria: é portanto, pelos motivos que a dictaram, perfeitamente estranha a estes dois factos recentes. Tão sómente é verdade ter sido concedido ao governo, em virtude da lei promulgada na Hollanda para a desmoedação do ouro, o prazo de tres annos para pôr esta providencia em execução. Por isso não obstante a adopção e sancção do principio datar de 1847, só no anno passado se preparou a sua execução, que não foi consummada senão em o anno corrente. Eis a razão porque não se sentiu, senão ha muito pouco tempo, a influencia desta medida no mercado europeu.

Orça-se em 300 milhões a quantidade de oiro que circulava na Hollanda no momento em que a desmoedação começou, e suppõe-se que todo esse volume de numerario quasi immediatamente refluiu sobre os paizes visinhos. Ainda desta vez temos de prevenir o leitor da exaggeração dos algarismos. Em primeiro logar não é realmente bem averiguado que a Hollanda tivesse 300 milhões em oiro no momento da desmoedação; até mesmo nos parece um tanto forte esta somma para um paiz pequeno, onde demais a mais não é pouco conhecido o uso dos titulos de credito. Mas embora fosse exacto o algarismo, egualmente não é averiguado que todo o oiro se retirasse daquelle paiz ao primeiro signal da lei. Provavelmente a tudo isto deve dar-se muito desconto. — Não póde, todavia, desconhecer-se que a medida decretada pela Hollanda não concorresse com as demais causas para a depreciação mui real que por toda a parte se manifestou.

As medidas projectadas pela Belgica são de menor consequencia. Tinha-se decretado precedentemente que a quantidade de oiro cunhada pela casa da moeda belga não excederia a 20 milhões, o que parecia sufficiente para a circulação do paiz, já saturada de moedas estrangeiras. De facto, no momento em que a depreciação começou, a quantidade cunhada não passava de 14 milhões. Recentemente propoz-se que não seria excedida esta quantidade. E nada mais houve; accrescentando-se apenas alguns meios propostos para impedir mais copiosa importação de moedas de oiro francezas. Até o presente a Belgica não foi além destas medidas de prevenção, que não existem por ora, cumpre repeti-lo, senão em projecto: não se póde, pois, dizer que ella grandemente contribuisse pela sua parte para a baixa do oiro.

Eis o contexto do projecto de lei appresentado em sessão de 7 de dezembro ultimo.

Artigo 1.º É revogado o art. 1.º da lei de 31 de Março de 1847 que decretou a fabricação de moedas de oiro de 10 e de 25 francos.

Art. 2.º É auctorisado o governo a fazer cessar o curso legal dessas moedas fabricadas até á concorrencia de 14.646·025 francos.

Antes de fazer uso deste poder, fixará um prazo para as trocar nos cofres do estado pelo seu valor nominal.

Art. 3.º As moedas de oiro estrangeiras cessam de ter curso legal na Belgica.

Art. 4.º A presente lei será obrigatoria a contar da data da sua publicação.

Temos apontado as causas principaes do phenomeno de que tratamos. Posto que serias, não eram taes que devessem inspirar grande inquietação, nem mesmo espalhar nas relações commerciaes sensivel perturbação, se desgraçadamente não se intromettesse a opinião a aggravar o effeito, e se, mais desgraçadamente ainda, os vicios dos nossos systemas monetarios não promovessem no meio de tudo isto mais prejudiciaes complicações.

Vejamos, entretanto, até onde alcança o effeito produzido. O cambio da Inglaterra, onde o oiro só, de ha muito tempo, tem curso regular como moeda legal, com os principaes paizes da Europa, onde ao contra-

rio é a prata que serve de *meio* ordinario ás trocas, fornece a este respeito um *criterio* mui certo.

As principaes praças da Europa com que a Inglaterra effectua ordinariamente a negociação de seus valores, e por intervenção das quaes opera com o resto da Europa, são Paris, Amsterdam, e Hamburgo. As libras esterlinas de Inglaterra, sempre calculadas em oiro, computam-se por tanto ordinariamente pelos francos de Paris, os marcos de Hamburgo, os florins de Amsterdam que são moedas de prata. Posto que as relações entre estes valores sejam essencialmente variaveis, admittiu-se com tudo uma base geral de apreciação que de ha muito se considera como estabelecendo o par. Assim, pelos calculos desde muito tempo recebidos, o par do cambio de Londres sobre as tres referidas praças se estabelece do seguinte modo:

Sobre Paris, 1 libra esterlina equival a 25 fr. 20 cent.
Sobre Amsterdan..... a 11 fl. 97 »
Sobre Hamburgo..... a 13 m. 10 ½ s.

Dizemos que estas avaliações foram admittidas como que estabelecendo a relação exacta da quantidade de oiro representada por uma libra esterlina e das quantidades de prata comprehendidas nas moedas francezas, hollandezas e hamburguezas. Conhece-se por tanto que esta relação é arbitraria e variavel; por isso na pratica, tem frequentemente variado. Em geral, póde dizer-se que, ha muitos annos, salvo os tempos de crise, a moeda de oiro ingleza excedia quasi sempre o par. Mas hoje não é assim. Demais disso, aqui tendes as relações que tem sido verificadas em differentes épochas.

Em Maio de 1847, no meio da crise financeira que assignalou esse anno, e n'um momento em que o cambio não era considerado favoravel á Inglaterra, a libra esterlina permutava-se da seguinte maneira:

Com París, por..... 26 fr. 15 c.
Com Amsterdam, por..... 12 fl. 3 »
Com Hamburgo, por ..... 13 m. 13 s.

Vê-se que nesta épocha o par era por toda a parte excedido de um modo sensivel, e este estado do cambio nada tinha então de precisamente excepcional.

Mas, no mez de Junho ultimo, o valor relativo da libra esterlina tinha já notavelmente baixado. Eis como ella então se trocava.

Com Paris, contra..... 25 fr. 70 c.
Com Amsterdam, contra..... 12 fl. 3 ½ »
Com Hamburgo, contra..... 13 m. 11 s.

Assim, em Junho ultimo, a baixa do preço do oiro já tinha começado a declarar-se, é verdade, que não respectivamente á avaliação que se adoptava um pouco arbitrariamente, como estabelecendo o par, mas respectivamente ao preço que este metal tinha mui geralmente obtido nos annos anteriores. Mais tarde, esta baixa veio a ser mais forte; e eis aqui quaes foram as relações verificadas em 22 de Novembro ultimo.

Preço da libra esterlina em 22 de Novembro:

Sobre Paris..... 25 fr. 30 c.
Sobre Amsterdam..... 11 fl. 17 »
Sobre Hamburgo..... 13 m. 4 s.

Por esta nova verificação do cambio vê-se que a libra esterlina já desceu abaixo do par em Amsterdam e em Hamburgo, o que se não tinha visto havia muito tempo. E isto no meio de circumstancias todas favoraveis na apparencia ao cambio inglez, isto é, quando as exportações deste paiz para o estrangeiro se tem augmentado ainda mais do que as suas importações, e que parece que os outros paizes mais tem a pagar-lhe commissões do que a recebê-las.

Uma circumstancia para se notar no quadro precedente é que, tendo a libra esterlina descido já abaixo do par em Amsterdam e Hamburgo, mantinha-se ainda um pouco acima do par em Paris. Não nos deteremos na explicação deste phenomeno. Basta dizer que a baixa do oiro é progressiva, e que no momento em que escrevemos *(Janeiro do corrente)* a libra esterlina, tanto em Paris como nas demais partes, já não se troca senão abaixo do par.

Sem sahirmos do nosso paiz, temos, e infelizmente para nós, um meio assás directo de comprehender e explicar a mui real depreciação porque tem passado o oiro. Tendo pertendido a lei franceza, a despeito do curso natural das coisas, estabelecer entre os dois metaes preciosos, oiro e prata, uma relação fixa, segundo a qual, quer que devam trocar-se invariavelmente um pelo outro, resulta mui naturalmente que dos dois metaes aquelle que é avaliado pela lei abaixo do seu valor commercial, vae procurar refugio no estrangeiro. Até agora, era o ouro aquelle a que a lei não concedia todo o seu valor: por isso a moeda de oiro não se demorava em França. Á medida que se cunhava em Paris e entrava na circulação, apossava-se della a especulação, ou para fundil-a ou para transportal-a fóra do paiz, onde só ficavam quantidades minimas, destinadas a figurar nas algibeiras dos opulentos, ou a constituir as reservas de pequeno numero de thesaurisadores. Hoje é o contrario. A prata é que emigra, ao passo que o oiro recolhe do desterro para vir tomar logar na circulação. Circumstancia que prova, sem duvida alguma, que a relação estabelecida pela lei é hoje muito em vantagem do oiro. Esta relação, tal qual havia sido fixada pelas leis ainda actualmente em vigor, é de 15 ½ para 1; isto é, o legislador calculou que um kilogramma de oiro valia 15½ kilogrammas de prata, e quiz que as trocas dos dois metaes se regulassem constantemente por esta base. Nos Estados-Unidos, onde o legislador pertendeu egualmente estabelecer entre os dois metaes relação fixa, foi admittida a proporção de 1 para 16. Póde calcular-se que no decurso de 20 ou 30 annos, a verdadeira relação, isto é, a relação commercial, fluctuou geralmente entre estes dois limites extremos, e que foi commummente de 15 ¾. Se é verdade, como cremos, que em França o oiro está agora ao par, e talvez mesmo abaixo do par, resulta que a relação real, a commercial, desceu nestes ultimos tempos de 15¾ a 15½. Tal é, em nosso entender, a medida bem exacta da depreciação que se tem manifestado.

(Continúa.)

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A LITTERATURA.

XII

(Continuado de pag. 310.)

322 A uma ponderosa duvida dava logar o assumpto proposto pela Academia, não determinando a epocha desde a qual a nossa linguagem devia dizer-se *moderna*. O illustre auctor do «Glossario,» *attendendo a que nos principios do seculo XVIII, e com o reinado do Sr. rei D. João V começou a restauração da nossa litteratura, e consequentemente o estudo e frequente lição dos livros francezes — resolveu contar desde esse ponto a edade moderna da nossa lingua.*

Não consistem os gallicismos sómente nos vocabulos francezes introduzidos na lingua portuguesa *contra o antigo e bom uso*, e principalmente *contra o genio* della; mas tambem em certos modos de fallar, que embora conservem as palavras portuguezas, *alteram todavia a fórma original do idioma, e lhe dão um colorido estrangeiro, e alheio da sua naturesa.* — Conseguintemente, o «Glossario» seria muito imperfeito, se não indicasse tambem, como effectivamente indica, esses modos de fallar, viciosos em quanto a syntaxe, e mal soantes na nossa lingua.

Não teria a licção dos livros francezes sido prejudicial, debaixo do ponto de vista linguistico; se com ella não concorressem o fatal esquecimento em que deixamos os nossos classicos, e a falta de um bom *Diccionario* de ambas as linguas. Concorrendo porém, simultaneamente estas tres causas, foi consequencia necessaria, que não estando os leitores *sufficiente premunidos com o estudo e conhecimento da sua propria lingua*, e não podendo perceber com claresa e precisão *a mutua correspondencia de vocabulos e frases, e o differente caminho que cada uma das duas linguas requer para explicar os seus conceitos*, se introduziram os gallicismos, — terrivel cancro que hia devorando a nossa boa linguagem, e tornando-a desengraçada, barbara e mal soante.

— Quero dar que em francez hajam formosas
Expressões curtas, phrases elegantes;
Mas indoles diff'rentes teem as lingnas;
Nem toda a phrase a toda a lingua ajusta.

Assim se exprimiu o illustre poeta portuguez, que no proprio seio da França pugnou valente em defesa da nossa lingua, e fez cruenta e desabrida guerra aos que, sem tino, afeiaram

O gesto airoso do idioma luso.

E com effeito, cada uma das linguas tem um genëro particular, um modo especial de exprimir os conceitos, uma elegancia propria, diverso systema de tecer o discurso, distincta eufonia; donde vem que será absurdo introduzir em uma lingua, sem pausado exame e seria reflexão, os vocabulos, as frases, e os idiotismos de outra:

Ponde um bello nariz alvo de neve
N'uma formosa cara trigueirinha;
. . . . . .
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

É de ponderar que não permanecendo as linguas sempre no mesmo estado, mas antes soffrendo continuas alterações, póde dar-se o caso de haver maior similhança entre ellas em determinadas epochas, e pelo volver dos tempos apresentarem já differenças muito caracteristicas. « Não é de admirar, diz um erudito philologo *, « que nos viesse tanta copia de termos da lingua « franceza *porque no tempo antigo era esta lin-* « *gua mais coherente com a nossa do que hoje.* « Os francezes diziam, como os hispanhoes, *si-* « *que*, por *assim que*, *de modo que*, *de sorte* « *que etc. Souloir* era em francez, como para nós « *soer*, ou *soher*, do latim *solere;* e os france- « zes deixaram aquelle termo quasi ao mesmo « tempo, que nós deixámos o nosso, em logar « do qual tomaram, *s'accoutumer*, e *être ac-* « *coutumé*, costumar ou ser costumado. Diziam « *prouesses*, como nós *proezas*, em logar de *gran-* « *des actions*, de que hoje usão; *moustier*, como « nós *mosteiro: moult* do latim *multum:* ou como « os nossos antigos *moito: Certes*, como nós ha « pouco diziamos *certo*, por *certamente*, ou *na* « *verdade.* »

Além disto, é mister saber que o Conde D. Henrique veio de França com sua familia e tropas, e que esta colonia franceza introduziu entre nós muitos vocabulos e frases, que se naturalisaram e encorporaram no idioma portuguez. A rainha D. Mafalda trouxe muitas damas, e cavalleiros francezes; aportaram depois ás nossas praias os cruzados, que ajudaram o Sr. D. Affonso Henriques a tomar Lisboa, e se estabeleceram em Portugal, povoando varias villas e logares: e mais tarde entrou em Portugal D. Affonso III

* O Academico Antonio das Neves Pereira — *Ensaio Critico* (Mem. de Litt. da Ac. R. das Sienc.)

com sua mulher a condessa de Bolonha, D. Mathilde, trazendo grande comitiva franceza, assim de senhoras da sua corte, como de tropas para sua defesa. O brilhante reinado de D. João I, esse periodo glorioso da nossa historia, foi tambem uma epocha em que a lingua franceza floreceu em Portugal. « Era naquelle tempo, diz o nosso elegante Fr. Luiz de Sousa, a lingua franceza estimada e corrente entre os principes por cortezã e politica. » E com effeito, este mesmo apuradissimo classico, na magnifica descripção do Convento da Batalha, menciona todas as divisas de D. João I e de seus preclaros filhos, sendo para notar que todas as lettras eram em francez. A de D. João I era: *il me plâit, pour bien;* — a do Infante D. Pedro (Duque de Coimbra) *désir;* — a do Infante D. Henrique, *talaint de bien faire;* — a do Infante D. João (Mestre de S. Thiago) *je ai bien raison;* — a do Infante D. Fernando, *le bien me paît.* Todos estes acontecimentos foram parte para que se introduzissem na nossa lingua muitos termos de origem franceza.

J. S. RIBEIRO.

(Continúa.)

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

IV

Genova.

(Continuado de pag. 309.)

323 É curioso o aspecto d'uma *table d'hôte*, mesa redonda, na mui classica e substancial linguagem do antigo Isidro.

No momento em que entrámos, perto de duzentas pessoas, se entregavam á trivial tarefa da nutrição. Confesso que o borburinho que se ouvia, faria expirar a palavra na bocca do mais enraivecido *calça de coiro*, pedindo uma *auctorisação* d'emprestimo, para rebocar as paredes da sua freguezia.

Estive a ponto de me retirar. A hora que eu desejo menos anarchica, é a hora do jantar: uma ceia admitte-se descabellada, e doudejante: o jantar é, e deve ser, appreciado com quietação e adubado de uma conversação placida, e intima. Nisso estou todo divorceado com os meus amigos socialistas: o banquete em commum é uma idéa, não direi absurda, mas pouco humana: e o *caldo negro*, esse detesto-o, abomino-o, tenho irritações d'estomago só de ouvir fallar nessa iguaria *espartana*.

Agora, cabe o revelar uma trapaça dos nossos amigos, e *fieis alliados* inglezes. Não é atrevimento o declarar que as nações estrangeiras quasi que ignoram a nossa existencia: o nosso pavilhão raras vezes tremula nos seus portos, os nossos productos poucas vezes empacham as suas alfandegas, e os seus mercados: a nossa litteratura nem mesmo penetra na nação visinha: o esplendor dos nossos feitos contemporaneos apenas se apprecia no *Diario do Governo*, e se resume em quatro ou cinco linhas nas folhas estrangeiras. Qual seria o meio de avivar a nossa memoria, não digo já na cabeça ou no coração, mas no paladar dos povos estranhos? Era fazendo-lhe beber o nosso admiravel vinho, provando-lhe que a beberagem com que adubam os seus banquetes, nem mesmo tem a consistencia da *agua-pé*, e o *bouquet* e picante do vinho verde. Pois essa mesma gloria é-nos roubada pelos inglezes.

Baptisaram o vinho do Porto *Porto-wine*, e é assim que elle corre e circula adulterado, transformado mais d'uma vez — e se dizeis que esse vinho é produzido nos ferteis oiteiros da nossa patria, mais d'um copeiro sorrirá incredulo, e resmungará entre os labios *Porto wine*, como o mais solemne desmentido aos nossos patrioticos protestos,

A final, outro aphorismo que eu alcancei para meu uso é que « a civilisação mata a poesia. » Á parte uma certa *nuance*, a vida exterior dos genovezes é exactamente similhante á dos lisbonenses. Vestem-se do mesmo modo, *flanam* com a mesma cara, andam e comem, sobre tudo, com a mesma desordenada elegancia de um *dandy*, convidando quatro ou cinco amigos para um almoço do Matta, ou um jantar do Chapelier.

As mulheres, essas, é que Deus as fadou com um irresistivel actractivo. Fallo das do povo, e classe media, que as da classe aristocratica, vestem-se, comem e fallam á *franceza*, e a não ser a tradicção do *sigisbeismo*, cuidadosamente conservada, seriam tão vulgarmente infieis, e tão trivialmente protestantes do matrimonio, como as outras creaturas do seu sexo, nos outros paizes.

A carnação da genoveza é de véras de um pallido transparente, alabastrino, admiravel. Collocai sobre essas phisionomias dois olhos negros scintillantes, e esplendidamente ornados de largas e assetinadas pestanas, envolvei-as de um véo branco, similhante em tudo á mantilha hispanhola, e que se denomina *pizzotto*, e dizei-me então se a genoveza não é das mulheres, mais languida e suavemente provocantes, que podeis encontrar na vossa esthetica experimental.

Não admira que o pincel italiano realisasse tantas maravilhas no mundo da arte; o que faz pena, é que a historia não revele a que feiticeira *contadina*, a que primorosa fada milaneza ou napolitana, romana ou genoveza, nós temos de agradecer aquelles typos immortaes de anjos e madonas, de Magdalenas e Psychés, que nos transportam para os céus ignorados da idealidade plastica.

Umas das coisas notaveis em Genova, é a quantidade de padres e frades que circulam pelas ruas. Vi-os de todos os typos, encadernados em burel grosseiro, e em fina casemira; pallidos, esqualidos, com as faces rugosas e secas como um pergaminho crestado ao fogo, com as barbas longas, e os olhos encovados, e brilhantes da chamma interior do fanatismo, ou da devoção, e tambem gordos, anafados, roliços, com as faces rubicundas, e os labios risonhos, representando completamente a vida despreocupada, e um pouco pecaminosa, que desde Rabelais até ao *Compère Mathieu*, e *Gil Blaz de Santillana*, a musa revolucionaria, e philosophica debuxou em traços indeleveis de chiste, e de verdade.

Não poderei affirmar, se a elles se deve uma certa liberdade de costumes, um certo cinismo de relações, que caracterisam alli as classes elevadas. O que sei é que os vi fumar nos caffés, como granadeiros suissos, e que os labios que resam *matinas*, e cantam *te deum laudamus*, enxugam, com admiravel nitidez, rhum da Jamaica, marasquino de Zara, e todos os *cremes* possiveis dos liquoristas.

Genova é a terra por excellencia do *cavaliere sirvente*, do sigisbeo. O marido alli não é um homem, é um mytho. A sua individualidade matrimonial póde assimilhar-se á do *sacador* da lettra de cambio. Paga em caso de protesto, mas raras vezes, gosa da somma adiantada na operação commercial: mas tambem como é livre e solta a sua existencia! O braceiro constante é o *cavaliere sirvente*: o que acompanha a esposa ao passeio, ao theatro, o que a intertem no *soirée*, ou no baile, o que chama a carruagem, ou a *cadeirinha*, o que tira da algibeira saes e perfumes quando ella desmaia, é o *cavaliere sirvente*. Mais ainda, o *cavaliere sirvente* é um homem-cabide: na sua mão está muitas vezes o leque, e a *clotilde*, no seu braço o *casabeque*, e o *regalo*: é elle quasi sempre a *femme de chambre* de *la signora* na saida do theatro, e no largo vestibulo, aonde espera o vehiculo que a transporta do baile até ás macias plumagens do seu leito solitario. *Cavaliere sirvente!* se és feliz, e nem sempre assim acontece, pagas cara a ventura: se és infeliz, de certo o destino te reserva um logar no paraiso dos pobres de espirito.

E o marido? O marido, nas classes altas, é um especulador do casamento; lido o contracto entre macho e femea de duas nobilissimas familias, immediatamente se concebe, porque o *cavaliere sirvente* é um complemento indispensavel no matrimonio.

Computado, sommado, exposto, verba por verba, o dote da mulher, o marido compromette-se do seu lado a certas condições humiliantes, que já o desauctoram de todo o sentimento nobre e elevado. Declara-se o numero de criados que devem servir *la signora*, o numero de cavallos que deve haver na cavalhariça, o numero de pratos que deve ter ao jantar, a parte de aposentos que deve gosar na sua mansão futura. É um arrendamento, e não um matrimonio: o marido é uma especie de rendeiro, que toma um dote por empreitada, e se compromette ás condições impreteriveis d'um fôro, não sei se com *laudemio de vintena*.

A prostituição moral attinge os ultimos limites da infamia: depois disto, uma esposa que não castiga o marido com um *cavaliere sirvente*, é um anjo de virtude, ou uma estatua de estupidez. Que faz então essa religião, recheada de conventos, que consente assim a prostergação solemne de toda a poesia, de toda a grandeza ideal do consorcio — da communicação purificada pelos preceitos divinos do Evangelho, e da eternidade? Bem diz o proverbio que: «*em casa de ferreiro, espeto de pau.*» Muitos padres e frades, e pouca religião — eis definida a situação do catholicismo na Italia, sem exaggeração, nem espirito de partido. E viva o *cavaliere sirvente!*

V.

Genova á noite.

Dupaty, que escreveu sobre a Italia umas eloquentes e rapidas cartas, e que era ao mesmo tempo um magistrado severo e grave como a beca, e os *bacalhaus*, com que se vestia nos dias de ceremonia parlamentar, inseriu sobre Genova estas linhas *frescas*, se quizerem, mas indispensaveis para se conhecerem os costumes d'um paiz: «*Il y a tant de libertinage à Gênes, qu'il n'y a pas de filles publiques: tant de prêtres, qu'il n'y a point de religion: tant de gens qui gouvernent, qu'il n'y a pas de gouvernement: tant d'aumônes que les pauvres y fourmillent.*»

Estes dois ultimos flagellos, não digo que tenham desapparecido, mas existem modificados. Ha governo respeitado e estabelecido pelas lusentes bayonetas de alguns regimentos saboyardos e piemontezes. O estado florescente da Liguria fez diminuir tambem a mendicidade, para quem o luxo mais sumptuoso destina um formoso palacio, denominado *Albergo dei Poveri*. Deviam chamar-lhe antes *Albergo dei Principi*. Fallaremos delle em tempo e logar.

As duas proposições primeiras são extremamente verdadeiras. E uma dellas faz-me lembrar o celebre decreto da Republica de Veneza, chamando outra vez á cidade as meretrizes que haviam sido desterradas. *Nostre buoni meritrice*, dizia o Senado, com o presentimento talvez de que a litteratura houvesse de conceber *Manon Lescaut* de Prévost, *Sara* de Balsac, *Fleur de Marie* de Eugenio Sue, e *Fernande* de Dumas. Os escandalos haviam-se multiplicado, a tal ponto, que usavam daquella valvula de salvação, com um raro discernimento politico.

A não ser algumas desgraçadas creaturas, que circulam pelo bairro maritimo, pobremente trajadas, que já perderam todo o encanto, e todo o prestigio de mulheres, Genova não conhece essa triste necessidade das grandes cidades.

E todavia não é menor o movimento, nem a vida menos animada de noite. Parece que tudo tem um ar de festa; o prazer é uma missão tão grave e tão seria, como as mil preoccupações da vida material e positiva. Nos cafés vêem-se homens e senhoras conversando e *charlando*: os theatros estão cheios: as janellas abertas, deixam perceber a luz nas casas e palacios, e denunciam plenamente que se vive, que se apprecia alli a brisa da noite, e os tepidos perfumes do estio.

Fuma-se alegremente um charuto antes de ir para o theatro, gosando daquelle apreciavel tumulto do realejo que toca, do *polichinello* que grita, dos grupos que se crusam animados, das mulheres que se adiantam envolvidas no *pizzoto*, e que vão para algum inevitavel *rendez-vous*, dos militares que passeam féra e galhardamente aquellas espadas que se embainharam em Novara, pelas intrigas das *camarilhas* piemontezas!

Que peça se dá em *Carlo Felice*? — *Toussaint Louverture* de Lamartine. — Porque não vae o *Nabuco* de Verdi? — Está indisposta a Cruvelli. — Indisposição de *prima donna*, que se cura com ostras e *sauterre*, com *fungghi trifolati*, regados de *Asti*, ou *Champanhe*.

Venha Lamartine traduzido em prosa italiana. É o grande poeta, que faz esquecer, o *girondino* ao menos de boa fé, das jornadas de 1848.

LOPES DE MENDONÇA.

[Continúa.]